

Editorial



No ano em que o tema do Dia Internacional dos Museus é dedicado à importância que os museus assumem como agentes de mudança social e de desenvolvimento, no concelho de Palmela comemoram-se o 80º aniversário da criação das freguesias de Pinhal Novo e de Quinta do Anjo e os 20 anos da Freguesia de Poceirão e da elevação de Pinhal Novo à categoria de Vila.

Estas efemérides marcam fortemente a História das comunidades locais, razão pela qual o Município de Palmela se associa às comemorações através de uma programação que – não sendo exclusivamente dedicada às mencionadas freguesias – promove o conhecimento sobre a História e Identidade(s) Local(is). O lançamento, no final de 2007, da publicação *Palmela Histórico-Artística*, da autoria dos historiadores de arte Vitor Serrão e José Meco, constitui por um lado um corolário de um processo continuado de inventário de bens patrimoniais móveis e imóveis do nosso concelho e, por outro, marca um novo ponto de partida para a divulgação e aprofundamento do estudo do Património concelhio, no contexto regional e nacional. A exposição “Palmela Arqueológica”, que durante um ano estará patente na Igreja de Santiago do Castelo de Palmela, apresenta a riqueza material resultante de vários milhares de anos de povoamento do território que é hoje o concelho de Palmela, enunciando pela primeira vez jazidas arqueológicas nas 5 freguesias que o compõem; esta exposição reflecte 20 anos de trabalho no território, desenvolvido por arqueólogos, estudantes e assalariados, que juntos partilharam a dureza do trabalho de campo e o entusiasmo das descobertas em diversos pontos do concelho, na firme convicção de que essa acção se insere num quadro de desenvolvimento sociocultural local.

A programação do Museu Municipal associa-se também, este ano, aos momentos de festa e lazer que marcam o calendário anual das freguesias: nas Festas Populares de Pinhal Novo (Junho), nas Festas das Vindimas (Agosto/Setembro) em Palmela e na Festa de Todos-os-Santos (Novembro) em Quinta do Anjo, serão apresentadas exposições que reflectem a História da Comunidade e da região vitivinícola de que esta faz parte integrante, quer aludindo aos 80 anos das freguesias, quer evocando o Centenário da demarcação do Moscatel de Setúbal.

A par destas acções destinadas ao grande público, outras dedicadas a públicos específicos como a Comunidade Educativa, mantêm o vigor, sendo enriquecidas com uma iniciativa que desde o início do ano tem vindo a suscitar a participação cidadã: a criação de um grupo de trabalho dedicado ao(s) Património(s) do concelho de Palmela, no contexto do projecto municipal **Fórum Cultural**. Este projecto constitui um espaço de participação dos agentes culturais na reflexão sobre a vida cultural local, visando a construção de um Plano Estratégico para a Cultura no concelho de Palmela; reflectir e discutir metodologias e acções destinadas a salvaguardar e valorizar os patrimónios históricos, culturais e naturais e articular as relações possíveis entre tradição e modernidade, entre identidade e abertura ao Mundo, são práticas que carecem da participação de Todos Nós, pois estamos convictos de que a acção das instituições museológicas e dos seus parceiros locais tem um papel de âncora entre Passado e Futuro.

Discuta o papel do Património Cultural no desenvolvimento do nosso concelho ! Participe !

A Presidente da Câmara

Ana Teresa Vicente

+museu² em destaque...



Palmela Arqueológica espaços, vivências, poderes

A riqueza arqueológica do concelho de Palmela começou a ser divulgada e estudada pelos arqueólogos Carlos Ribeiro e António Mendes no séc. XIX (desde 1876), com escavações nas chamadas Grutas da Quinta do Anjo.

A realização sistemática de pesquisas arqueológicas de campo, da iniciativa do Serviço de Arqueologia da Câmara Municipal de Palmela e também do Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal, iniciou-se em 1987, com trabalhos na Quinta da Cerca (Palmela), ao que se seguiram outros no Camaral (Volta da Pedra), na R. de Nenhores (Palmela), no sítio romano do Zambujalinho (Marateca), no Castelo, no Alto da Queimada (Serra do Louro), em Chibanes (Serra do Louro) e em diversos espaços do centro histórico de Palmela.

A investigação arqueológica tem avançado em várias frentes, ao longo destes vinte anos: escavação (com intervenções de continuidade associadas a projectos de investigação e outras de salvamento e emergência), prospecção no âmbito da Carta Arqueológica do concelho, inventário, estudo de materiais e sítios, restauro e conservação, musealização.

São hoje amplamente reconhecidas as potencialidades arqueológicas da região de Palmela, com destaque para a Pré-História antiga e recente, a Proto-História e

o Período Medieval, bem representados no povoado da Quinta da Cerca e nos sepulcros da Quinta do Anjo, no povoado fortificado de Chibanes, nos vestígios islâmicos e da *reconquista* do Castelo de Palmela e na alcaria do Alto da Queimada.

Esta exposição pretende transmitir ao público a dimensão desses valores materiais, resultado de duas décadas de investigação (1987-2007), e o seu contributo para o conhecimento do quotidiano das populações que habitaram nesta região inter-estuarina, sensibilizando para a leitura e a interpretação do documento arqueológico.

Não são esquecidas as equipas de arqueólogos, técnicos de arqueologia, estudantes e assalariados que, em conjunto, trabalharam para o sucesso da investigação arqueológica, partilhando dia a dia a dureza e a paciência do processo e as emoções da descoberta e do convívio, na certeza do importante papel que cada um teve ao longo destes 20 anos.

Organizada pelo Museu Municipal de Palmela, a exposição tem como comissárias científicas as arqueólogas Isabel Cristina Ferreira Fernandes e Michelle Santos, e tem a colaboração do Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal, do Museu Geológico (INETI) e do Museu Nacional de Arqueologia (IMC).

17 de Maio de 2008 a 18 de Maio de 2009

Igreja de Santiago
Castelo de Palmela

Horário

De 3ª feira a Domingo. Encerra à 2ª feira.
Das 10h00 às 12h30 e das 14h00 às 18h00

Património Local

Ferreiro Faria entre ferro e fogo. Da colecção à exposição (2ª parte)¹

2.2. Instrumentos de trabalho: representações de cultura material

O mundo moderno, ocidental, é um mundo de coisas, de objectos, de bens materiais, com os quais mantemos uma relação complexa como produtores, proprietários e colectores; essa relação constitui uma meta-narrativa moderna característica da nossa era, e representa um esforço de entender a cultura material e o nosso interesse pela mesma. Também os museus modernos, surgidos com o sistema capitalista, são materialmente orientados neste sentido².

Segundo Richard Handler³ a noção ocidental de cultura é caracterizada pelo triângulo posse - cultura - identidade; cultura é posse (do indivíduo ou do grupo), e esta está associada à identidade do grupo ou Nação. Falamos de bens culturais, de propriedade – a cultura é marcada por uma dimensão tangível, faz-se de coisas que podem ser apropriadas; para o autor a identidade é construída através da posse. Há, neste contexto, uma associação de cultura a transmissão: um património que permite manter uma filiação, identidade, transmissão de bens; isto é válido para a identidade individual e nacional. Os museus encarnaram aquela noção, pelo que os cuidados, de que se revestem as acções num museu ou exposição, com a conservação dos objectos também se enquadram na lógica da posse. Com o alargamento da noção de património ao intangível esta concepção de cultura incorporou novos “bens”, mas mantém a matriz.

Os objectos partilham o mundo material com todas as coisas - mesmo connosco - e a sua materialidade distingue-os de outras criações não materiais como uma ideia ou uma música⁴. Os objectos de museu têm um papel de intermediário entre os espectadores e um

mundo invisível que representam: falam do passado no presente, do estado da sociedade em que foram criados e da própria sociedade que os expõe, das técnicas e do modo de vida de quem os usou ou de quem foram contemporâneos. Independentemente do número de objectos que uma colecção possui, o que importa não é sua quantidade mas a qualidade dessas peças⁵.

A cultura material revela-se em três dimensões: espacial, temporal e social. “Ciência dos objectos, o estudo da cultura material tem de saber que o objecto tem mais que um significado.”⁶ Um objecto exprime a técnica e a função, mas a sua criação é enquadrada por opções de ordem super-estrutural, e tem além disso um significado social associado a um sistema económico. Cremos pois ser legítimo falar, como Bucaille, “de níveis de cultura material que separam grupos sociais.” Se se entender «cultura material» como o que há de material em uso pela “maioria numérica da população estudada”⁷, as peças da exposição **Ferreiro Faria – entre Ferro e Fogo** não são parte da cultura material actual (século XXI). Contudo, se considerarmos o estudo dos instrumentos de trabalho como investigação sobre “aspectos materiais da cultura entendidos como causas explicativas”, estas peças, colocadas sob o nosso olhar, são parte da cultura material, pois assumiram-se como uma constante no quotidiano de séculos de trabalho de um vasto grupo socioprofissional - hoje praticamente desaparecido -, e de toda a população que usufruía dos bens produzidos.

O ferreiro - entre ferro, fogo e ar

Mestre Faria tinha como centro da sua acção profissional oficial o trabalho na forja. Local de trabalho for-

¹ A 1ª parte deste artigo foi publicada no nº **+museu 8**, Maio/Outubro 2007, pp. 2-6

² Cf. PEARCE, Susan – *Museums Objects and collections. A cultural study*, London: Leicester University Press, 1992, p. 3

³ HANDLER, Richard (1985) – “On having a culture: nationalism and the preservation of Quebec's patrimony”, in STOCKING, George W. Jr (Ed.) - *Objects and the Others: Essays on museums and material culture*, Madison: The University of Wisconsin Press, 1985, pp. 192-217

⁴ Cf. PEARCE, Susan – *Ob.cit.*, p. 15

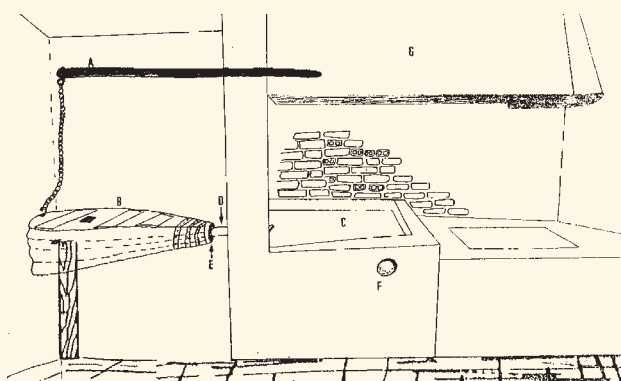
⁵ Cf. POMIAN, Krzysztof - *Collectionneurs, amateurs et curieux. Paris, Venise: XVIe-XVIIIe siècle*, Paris: Gallimard, 1987, p. 37

⁶ BUCAILLE, Richard e PESEZ, Jean-Marie “Cultura material” in *Enciclopédia EINAUDI*, vol. 16, Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1989, p. 45

⁷ *Ibidem*, p. 21

mado pela articulação de operações entre a fornalha, o fole e a bigorna, na forja é moldada a matéria-prima - o ferro, duro e maleável -, através da aplicação de pressão e sob muito calor, conseguido com recurso ao carvão (vegetal ou de pedra). Um ferreiro malha o metal ao rubro, sobre uma bigorna, até atingir a forma desejada; a rapidez de movimentos com recurso a instrumentos e utensílios específicos é essencial para a transformação do ferro. O controlo do Fogo e do Ar, com recurso à força muscular, são elementos essenciais no processo.

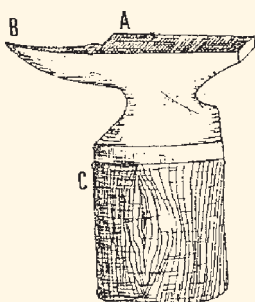
Esquema da forja do Mestre Faria, à data da acção de remoção da oficina



- A. Vara
- B. Fole
- C. Fornalha
- D. Biqueira
- E. Cêpo
- F. "Bolsa" de areia (permite ao ferreiro reduzir o lume)
- G. Chaminé

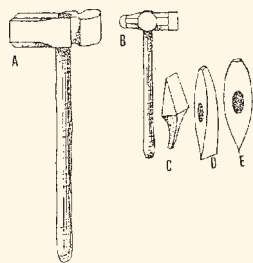
Bigorna⁸

- A. Mesa - parte lisa onde se malha; nela estão recortados olhos (buracos quadrados) que servem para encaixar de vários instrumentos;
- B. Chifre - prolongamento da mesa;
- C. Cêpo - tronco usado para suportar a bigorna e outros instrumentos de trabalho, por vezes com a parte inferior enterrada no chão para garantir maior estabilidade.



Instrumentos usados na forja⁹

- A. Malho (ou marreta) - grande martelo com que o forjador bate o ferro;
- B. Martelo de forja - martelo mais pequeno do que o malho;
- C. Talhadeira - cunha de ferro para cortar o metal a quente, através de percussão.
- D. Corta-a-frio - talhadeira ou cunha de ferro para cortar a frio o material através de percussão muito violenta.
- E. Riscadeira



Ferramentas usadas na forja

*"Para se ser um bom ferreiro, além de qualidades físicas indispensáveis, como sejam a robustez e excellencia dos órgãos visuaes, se tornam necessarios conhecimentos geraes sobre desenho industrial, metallurgia, etc., e ainda a experiencia que só pode ser adquirida pela pratica do exercicio de tal mister, experiencia que compendio ou manual algum, por mais completo e bem elaborado que seja, poderá substituir."*¹⁰

Forjar ...

... "consiste em aquecer o metal para em seguida o puxar (estender, adelgaçar), encalçar (engrossar), caldear (ligar directamente pedaços separados), cortar, furar, etc., dando-lhe a forma e as dimensões desejadas."

¹¹

Estas operações implicam uma permanente reactivação do fogo, conseguida através do fole, recipiente deformável - construído em madeira, couro e metal -, accionado por uma vara (A), que recolhe o ar do exterior através da fuga ou ventaneira, e o conduz à fornalha ou lareira (C) orientado pela biqueira (D), activando a combustão. O fole é composto por uma armação de três pranchas iguais, em madeira em forma de pêra; a de baixo é o fundo e a de cima o tampo, e convergem para o cêpo (E), a que são presas a fim de poderem executar o movimento de abrir e fechar.

A forja é posta a trabalhar: deita-se uma camada de carvão seco e um pouco de palha, acende-se o fogo, dá-se ao fole, para o atear, juntando-lhe de seguida bastante carvão. O fole deve manter um ritmo cadenciado para chegar à fornalha com uma força e velocidade constantes.

Os pedaços de ferro destinados a serem usados tomam o nome de traços. Quando tirados de barras cortam-se a frio; quando aproveitados de bo-

⁸ Imagem retirada de ANTÓNIO, Ana Gonçalves - "Ferradores do Baixo Alentejo", in *Ethnologia*, nº3/4, Lisboa: Ed. Ulmeiro, Outubro 1985/ Setembro 1986, p. 68

⁹ Idem

¹⁰ Cf. SILVA, Carlos Pedro da - *Manual do Ferreiro*, "Colecção Manual do Operário. Bibliotheca de Instrução Profissional", Lisboa: s/d, p. 2

¹¹ Cf. SILVA, Carlos Pedro da - *Ob. Cit.*, p. 25

cados de sucata são primeiro aquecidos até à fusão, para se soldarem sobre o cavalete. Caso se trate de ferro novo, marca-se primeiro a barra com um giz branco, demarcando a área a usar. Passa-se depois ao corte: o forjador coloca sobre a marca de giz uma talhadeira – corta-a-frio - e o seu ajudante (o malhador) bate sobre aquele instrumento com o malho: faz-se uma percussão lançada com percutor, pois não há batimento directo sobre a matéria, usando-se um instrumento mediador.

Ateado o fogo, mete-se com a tenaz de fogo o traço ou ferro a aquecer, colocando-o sobre a camada de carvão. Quando está bem quente é retirado da fornalha e começa o acto de forjar, isto é, a transformação daquele pedaço de ferro no que se pretende produzir, o que se consegue por meio de utensílios de modificação (ex. malhos). O traço passa da tenaz de fogo para a tenaz de mão e é colocado com a mão esquerda no cavalete (bigorna sobre cepo); com o malho na outra mão, o forjador bate sobre o ferro em brasa, com pancadas fortes e alternadas, até que o ferro adquira o comprimento, largura e grossura necessários. Quando dois homens trabalhavam, os batimentos do malho de um e de outro eram ritmicamente alternados, o que permitia maior rapidez. Todas as operações são realizadas com rapidez, a fim de evitar que o ferro perca elasticidade que lhe foi conferida pelo calor. Retirado o ferro do fogo, é moldado ou forjado sobre a bigorna, com vários instrumentos.¹²

O abegão, carpinteiro de carros

Termo já existente no século XV, *abegão* designa – conforme as regiões do nosso país – diversas actividades laborais: em Coimbra é “o homem que trata do gado”; no Ribatejo “manda em todos os campinos”; na região de Elvas “regula a lavoura, fiscaliza as desmoitas, as cavas, os alqueires e as sementeiros, mondas e ceifas, superintende na debulha, eiras e enceleiramento dos cereais, etc.”¹³.

No caso de Mestre Faria, aplica-se a descrição usada na região de Beja, Évora, Viana do Alentejo, Mourão: “é o carpinteiro de carros que no exercício da sua profissão constrói e conserta não só os carros de varais e de parelha (...), que também faz outros instrumentos da lavoura, como forquilhas, pás, ancinhos, charruas.”¹⁴



Lambeche ou charrueco, alfaia agrícola usada para “lambecher” a terra, isto é, mexer a terra antes de semear.



Apontamentos referentes a medidas de carroça e desenho, com dimensões de um instrumento agrícola encomendado: “lambexa”

in *Livro de Registo de Encomendas e Contas*, Anos 50

¹² Texto adaptado de ANTÓNIO, Ana Gonçalves – “Ferradores do Baixo Alentejo”, in *Ethnologia*, nº3/4, Lisboa, Ed. Ulmeiro, Outubro 1985/ Setembro 1986, pp. 59-83

¹³ MONIZ, M. Carvalho – *O Abegão*, Lisboa: s/l, 1965, pp. 148

¹⁴ Cf. *Ibidem*, p. 149



Instrumentos da oficina: compasso, graminho e cintel



Molde de roda e suportes em cimento e ferro

É conhecido como «carpinteiro de obra grossa» por comparação com o carpinteiro que faz portas, janelas ou mobílias.

A filha do Mestre Faria recorda: “Um dos arranjos que o meu pai fazia nas carroças era ferrar os eixos e calçar as rodas, pondo nos eixos uns pedaços de ferro que levava à forja e que era moldado na bigorna por 3 homens; (...) também ferrava as rodas – era um trabalho muito moroso e duro que era feito com uma marreta de 10 kg e duas mais inferiores. (...) Quando era aros novos moldavam um arco, caldeavam as pontas, depois faziam um grande fogo no quintal, onde os aros eram aquecidos e metidos na roda de madeira, operação em que todos os familiares – filhos e mulher – colaboravam, deitando água nos aros para arrefecer a fim de não queimar a madeira da roda.”¹⁵

Afirma ainda a D. Deolinda que “esta profissão existia mais no Verão, por isso ganhava no Verão para comer no Inverno.” O mesmo acontecia no Cadaval, de acordo com as palavras de um ferreiro local: “No Verão, fazia-se outro tipo de trabalhos, como os eixos dos car-

ros de bois ou das galeras, porque havia os carros que eram usados nas vindimas e que eram mais compridos (...) era assustador de se fazer, porque tinha de se desenvolver um calor muito grande para aquecer uma peça daquelas.”¹⁶

A escrita da oficina

Alfabetizado, António Teixeira de Faria registava as suas dívidas, receitas, despesas, desenhos de peças encomendadas, em **Livros de Registo**¹⁷ – patentes na exposição - que nos permitem conhecer o preço dos materiais, os salários do trabalho oficial nas décadas de 40 a 60, e os clientes da oficina de Pinhal Novo, alguns grandes proprietários agrícolas da localidade e arredores.

Francisco P. Bernardino
Pinhal
29-8-1958

as rodas da barroca repetidas	80,000
8 cintas repetidas	20,000
4 parafusos novos para eixos	12,000
10 arranjados	7,000
embuchas as rodas	6,000
8 pinos novos para as rodas	16,000
8 parafusos de arrastar	6,000
12 " arranjados	28,000
6 " de apertar	3,000
1 " para os guilotes	4,000
14 " para os vãos para o quadro trazeiro	42,000
21 " parafusos para os vãos	87,000
2 parafusos para o colar	45,000
1 tampa para o travão	30,000
2 talhas	05,000
2 parafusos novos	25,000
2 travessas novas	77,000
2 parafusos para o travão	8,000
2 fusos	3,000
2 mangueiras para os vãos	25,000

in Livro de Registo de Encomendas e Contas, Anos 50

¹⁵ Depoimento de Deolinda de Matos Faria prestado ao Museu Municipal de Palmela, Março 1999

¹⁶ Depoimento do Sr. António Justiniano da Silva, ferreiro do Cadaval, publicado in MORAIS, Susana Melo – Profissões do Cadaval. Memórias e vivências de antigos ofícios, Cadaval: Câmara Municipal, 2003, pp. 61-64

¹⁷ Peças restauradas, que não se encontravam disponíveis ao público na Reserva Visitável, e patentes na exposição.

Segundo Carvalho Moniz¹⁸, nas oficinas das aldeias, vilas e cidades alentejanas – onde se trabalha sob regulamentação do trabalho operário – “trabalham apenas oito horas sendo o horário das nove às treze e das quinze às dezanove horas”; a remuneração de um abegão com “salário normal”, isto é, quando já se tem 5 anos de experiência, era entre 35 e 40 escudos diários “se trabalham a seco” e 25 escudos de trabalham “a de comer.”; esta última prática é usual nos «montes», onde se trabalha de sol a sol. Salário análogo é mencionado para o Cadaval¹⁹, pelo ferreiro citado na nota 16: “o trabalho do ferreiro, para os mestres que realmente o eram e que trabalhavam por conta de outrém, era relativamente bem pago e por comparação com o que se ganhava na agricultura, (...) o meu pai quando trabalhava por conta de outrém, ganhava quarenta escudos, o trabalho na agricultura não ia além dos vinte ou trinta escudos por dia.”

2.3. Mudam-se tempos e ofícios

A actividade profissional do Mestre Faria reorientou-se ao longo dos anos, fruto modernização tecnológica; a procura de carroças e de utensilagem agrícola oficial diminuiu, e outras actividades passaram a fazer parte do labor da casa de Mestre Faria: o arranjo de espingardas, a produção de tijolo e de postes e a abertura de poços foram actividades alternativas. Na colecção encontramos um sarilho, cubos (recipien-

tes em madeira utilizados para retirar a terra do fundo do poço) e varas de perfuração, e moldes para tijolo e para postes.



Molde de postes



Sarilho e cubos

¹⁸ MONIZ, M. Carvalho – *Ob. Cit.*, p. 151

¹⁹ MORAIS, Susana Melo – *Profissões do Cadaval. Memórias e vivências de antigos ofícios*, Cadaval: Câmara Municipal, 2003, pp. 63



Molde para produção de tijolo

Hoje, na **Classificação Nacional das Profissões de 1994** (revista em 2001)²⁰, a designação **Ferreiro** surge sob a forma de **Forjador Manual (Ferreiro)**, no sub-grupo 7.2.²¹, com as seguintes funções: *"Fabrica e repara artigos em metal tais como ferramentas agrícolas, artigos de cutelaria, ferros forjados artísticos e ferros de corte para ferramentas, utilizando ferramentas manuais..."*. Não há menção ao termo *Abegão*, pelo que se pode considerar que não existe como profissão; carpinteiro, armeiro, são profissões ainda existentes e com inúmeras especializações. Já no boletim da ANEMM²², a profissão de *Ferreiro ou Forjador e Ferreiro ou Forjador em série* constam de uma lista de profissões extintas, embora se assuma que tal extinção significa por vezes reclassificação em novas profissões criadas. O Despacho n.º 13456/2008, de 14 de Maio aprovou a versão inicial do Catálogo Nacional de Qualificações²³, no qual surge a qualificação *Artesão/ã do Ferro* com um perfil profissional análogo, com as sal-

vaguardas de espaço-tempo, ao que exerceria o Ferreiro Faria.

As necessidades do consumidor e os modos de vida alteraram-se, e estes ofícios perderam viabilidade económica. Tornou-se desnecessário o investimento na transmissão de conhecimento destes saberes-fazer do mestre para o aprendiz, muitas vezes no seio da família. Um redimensionamento destas actividades contribuiria, talvez, a nível regional e local para talvez revivificar locais onde a actividade rural subsiste. Para tal é desejável uma acção política e empresarial de suporte, e uma associação das actividades à identidade local; o museu, como agente de desenvolvimento e mudança social, deve apresentar-se neste contexto como um parceiro activo. A modernização da tradição será uma alternativa?

Maria Teresa Rosendo
Coordenadora do +museu

²⁰ Cf. INSTITUTO DO EMPREGO E FORMAÇÃO PROFISSIONAL - *Classificação nacional das profissões* (Versão 1994), Lisboa: IEFP/MESS, 1994. Ver versão electrónica em: <http://www.iefp.pt/formacao/CNP/Paginas/CNP.aspx>

²¹ Sub-grupo 7.2. "Trabalhadores da metalurgia e da metalomecânica e trabalhadores similares" inclui Moldadores, Soldadores, Bate-Chapas, Caldeireiros, Montadores de Estruturas Metálicas e Trabalhadores Similares; Forjadores, Serralheiros Mecânicos e Trabalhadores Similares; Mecânicos e Ajustadores de Máquinas; Mecânicos e Ajustadores de Equipamentos Eléctricos e Electrónicos"

²² Cf. *Boletim Informativo* da Associação Nacional das Empresas Metalúrgicas e Eletromecânicas (ANEMM), nº 6, Setembro 2005, p. 2

²³ Disponível em <http://www.catalogo.anq.gov.pt/Paginas/Inicio.aspx>

nos bastidores...

Museu de mão em mão

Grande parte do sucesso de uma visita ao museu depende da sua preparação prévia: a escolha do local a visitar, a pesquisa, o diálogo sobre as expectativas, motivações e interesses de cada um e do grupo, bem como a determinação conjunta de objectivos, são cruciais para o melhor aproveitamento da visita ao museu, de forma a constituir esta experiência um momento com significado para todos.



Kit Museu de Mão em Mão

É com esta convicção que o Serviço Educativo do Museu Municipal de Palmela (SE-MMP) criou o **Museu de Mão em Mão**, recurso pedagógico concebido para preparação das visitas ao museu. Trata-se de uma mala de ferramentas, aparentemente “FRÁGIL”, mas que no seu interior possui desafios consistentes que conduzem à construção de memórias duradouras.

Peça a peça... descubro o Património do concelho de Palmela, Perguntas e Ideias à Solta, Museu em Imagens, Mãos à obra: trabalho de bastidores, Olhar o Património, Tesouros do Museu de Palmela e Da Escola para o Museu são as denominações das várias dinâmicas que compõem este kit pedagógico e que têm como principais objectivos:

- promover o conhecimento dos conceitos de Museu e de Património Cultural;
- promover o conhecimento do Património Local;
- dar a conhecer a colecção e os espaços museológicos do Museu Municipal de Palmela;
- fornecer pistas de exploração e materiais lúdico-pedagógicos, para que o Educador/Professor

prepare, em conjunto com os seus alunos, a visita ao museu;

- divulgar a oferta do SE para cada ano lectivo.

Esta é uma “arca de tesouros” repleta de objectos, jogos, imagens, memórias, que nos transportam para o mundo dos afectos e que nos fazem recordar as nossas próprias vivências, ao mesmo tempo que lança desafios e estimula a descoberta e a curiosidade no campo da educação patrimonial. Todos os desafios que a compõem podem ser adaptados aos vários níveis de ensino e dinamizados, autonomamente, por professores e alunos. Este recurso está devidamente enriquecido com suportes de informação, a saber: um Caderno dirigido ao Professor, um *Manual de Funções* com explicação de todas as dinâmicas e *Memória(s) Descritiva(s)* da(s) visita(s) pretendida(s).

As primeiras mãos que o exploraram foram os alunos da turma de 4º ano da professora Luísa, da escola EB1/JI de Palmela, experiência piloto a que os técnicos do MMP “assistiram nos bastidores” e que proporcionou resultados estimulantes.



Alunos da turma do 4º ano da Professora Luísa da EB1/JI de Palmela (ano lectivo 2006/07)

Agradecemos a todos os docentes que já colaboraram com o MMP-SE dando a sua opinião e sugestões sobre este recurso.

Lançamos o convite a todos os Professores/Educadores: antes de visitarem o Museu Municipal de Palmela requisitem o *Museu de Mão em Mão*. Preparem e definam com os vossos alunos os objectivos da visita ao Museu !

O Serviço Educativo do Museu Municipal de Palmela

em investigação

Cultura Popular de Gigantes, entre a Tradição e a Modernidade A arte da desproporção



Documentário DVD
“Arte da Desproporção”

A Câmara Municipal de Palmela fez nascer, em 1995, o Festival Internacional de Gigantes (FIG) em Pinhal Novo. O festival conta já com 12 edições, fruto de um importante trabalho de parceria entre: CMP, Bardoadas – Grupo do Sarrafo, Associação Juvenil COI, ATA – Associação Teatral Artimanha e PIA – Projectos de Intervenção Artística. O projecto, desde o primeiro momento, respira da participação das gentes no espaço performativo por excelência que é a rua. Rua que se enche de cor, rostos, trajes, danças, actuações, dramatizações, narrativas; rua que, durante três dias, se torna o palco deste Gigante que é a Cultura.

E, porque o FIG procura inovar permanentemente através de um diálogo de proximidade com quem investe nesta área, abraçou recentemente uma nova parceria: o Instituto de Estudos e Literatura Tradicional da Universidade

Nova de Lisboa, solidificando a ideia de que é um projecto de futuro.

Na 12ª edição, de 6 a 8 de Julho de 2007, foi apresentado o documentário “Arte da Desproporção”, resultado de trabalho conjunto entra a Câmara Municipal de Palmela e a AJCOI¹. Moveu-nos a vontade (e necessidade) de caminhar, mais uma vez, no sentido da descoberta, do conhecimento. Percorremos o país: fomos a Braga, a Ponte de Lima, a Montemor-o-Novo, a Évora, e encontrámo-nos no Pinhal Novo.

“O Universo dos Gigantes remonta às origens do discurso do homem procurando pistas para uma resposta ao mistério do mundo. O mistério, a fantasia, a inteligência e o desafio da superação estão por isso, e não só por isso, associados aos caminhos dos Gigantes.”²

Alberto Pereira

Falámos com gente voluntariosa, convicta, que contribui para fazer mover a cultura em Portugal. Este documento audio-visual teve como objectivo mostrar diferentes Artes de Construção que dão corpo a estas figuras gigantes. Foi possível verificar que existe uma grande diversidade de métodos, técnicas e materiais utilizados, nestas construções sempre inacabadas porque nenhuma é definitiva, todas são Ex-

periência. Fruto de diferentes técnicas e saberes, através de processos que inventam e reinventam por meio do acto de moldar das mãos do artesão, os Bonecos traduzem os ritmos do corpo e da alma, que é Gigante.

Constatamos, ainda, que este Património respira de um novo impulso, reconfigura-se, cresce, e este mostrou-se um bom recorte etnográfico para podermos, no futuro, constituir uma ponte com a História e a Memória. Porque, efectivamente, acreditamos que este não é um trabalho concluído. Pelo contrário, existe um estímulo profundo a que avance, se aprofunde, desbrave caminhos. Desta forma, este documentário representa um pequeno passo, num caminho que se revela Gigante. É o caminho da Descoberta, do Conhecimento, das Relações que se vão firmando e multiplicando. É o início de uma viagem pela história e sobre a história. É o olhar o presente. O Sentir e apropriar de narrativas que evocam a transcendência dos Saberes.

A todas as vozes que evocaram a *Arte da Desproporção*, o nosso muito obrigado. Não apenas pelo valioso contributo neste pequeno passo de Gigante, mas sobretudo pelo trabalho que desenvolvem, com persistência e paixão, em prol da Cultura, que é nossa.

Teresa Sampaio
Técnica Superior de Antropologia

¹ Associação Juvenil do Centro de Ocupação Infantil (Pinhal Novo)

² in *Nos Trilhos dos Gigantes*, Palmela: Câmara Municipal, 2003

Património Concelhio em documentos...

Bandeiras de Adiafa



Pormenor da Exposição – Adiafa: A Festa das Vindimas

De 30 de Agosto – pela Festa das Vindimas - a 15 de Outubro de 2007, o Museu Municipal apresentou na Biblioteca Municipal de Palmela, a exposição “Adiafa: a Festa das Vindimas” constituída por uma colecção de *Bandeiras de Adiafa* pertencentes à antiga casa Agrícola Humberto Cardoso, hoje Empresa Carpal; datadas da década de 70 do século XX até 2004, as bandeiras testemunham a alegria da colheita.

A exposição não teria sido possível sem o apoio de Álvaro Cardoso, António Banha, Elvira Roque, Marina Roque, Humberto Rosa Cardoso, João Carreira, Pedro Miguel Cardoso Coelho e Zulmira Vieira – a todos agradecemos a generosidade !

1. A Adiafa



Bandeira de Adiafa. Década de 80, Monte do Lau

A Adiafa chega com o fim de um ciclo de trabalhos agrícolas. No último dia de monda, de colheita de azeitona ou de uva, o patrão dá o dia de trabalho e os trabalhadores, como agradecimento, oferecem-lhe uma bandeira, na qual inscrevem uma mensagem. Assim acontecia em muitos lugares no nosso país. Em Palmela, na antiga Casa Agrícola Humberto Cardoso, o último dia das vindimas, correspondia também à Adiafa. Os trabalhadores apresentavam uma bandeira, os patrões ofereciam a comida; juntos partilhavam uma refeição, o baile, o convívio deste dia de festa.

Nesta empresa datada da alvorada do século XX, Álvaro Cardoso - que a assume na década de 50 - herda dos pais esta tradição; e, se no início dará apenas, como costume, algumas horas de trabalho aos ranchos da vindima, mais tarde ofertará não só o dia inteiro, mas também todos os materiais necessários à confecção da bandeira e os alimentos para a refeição.

1.1 Termina-se a Vindima



Rancho da Vindima. Década de 80, Monte do Lau

Nos finais de Agosto é tempo de dar início às vindimas. Ranchos apanham cuidadosamente cachos de uva. Conta-se com a gente certa e contratam-se muitas mais pessoas, que as vinhas são extensas e há pressa que a uva chegue às adegas. Mais de uma centena de mulheres percorre os extensos vinhedos numa vindima que chega a durar oito semanas. Na véspera, anda-se mais depressa, para que o último dia, corresponda apenas a uma ou duas horas de

trabalho. A vindima termina lá para as 10 ou 11 horas da manhã.

Assim acontecia nos quatro montes da empresa: Monte do Lau, Monte da Agualva, Monte da Fonte Barreira, Monte de Pegões.

1.2 ADIAFA: Apresenta-se a Bandeira

As bandeiras, em seda, de cores vivas, são guarneçadas com postais ilustrados, flores aplicadas, fitas ou bordados alusivos à vindima e a outros trabalhos nas vinhas. Todas exibem as iniciais dos nomes dos patrões ou da empresa e a data do fim da colheita. Também se bordam ou escrevem, na face posterior da bandeira, quadras relacionadas com o rancho e a Adiafa, dando vivas aos patrões e a todo o rancho.

Em cada ano, nos Montes do Lau, Agualva e Fonte Barreira é apresentada uma nova Bandeira. Poucas semanas antes do fim da vindima já se sabe quem a fará, ficando as responsáveis encarregues de adquirir todos os materiais necessários, como lembra Marina Roque, trabalhadora no Monte do Lau: *“Quando faltavam duas semanas para acabar a vindima, porque (...) chegava a durar oito semanas no Lau (...) havia duas pessoas que se ofereciam para fazer a bandeira (...). Uma delas ia buscar todos os haveres para fazer a bandeiras (...). Iam duas mulheres para o monte do Lau, estavam ali as oito horas de serviço (...).”*

Sobre a bandeira, Álvaro Cardoso, proprietário da empresa, afirma: *“A bandeira saía mais cara que o almoço, tudo em seda, tudo assim, tudo assado. Quatro e cinco mulheres de roda das bandeiras durante muito tempo, mas eu gostava daquilo.”*

1.3 Adiafa: Dia de Comer, Beber e Dançar

O dia da Adiafa é destinado a uma boa refeição, ao baile e a um longo convívio entre trabalhadores e patrões. Mas, se no início os alimentos pertencem e são partilhados pelos trabalhadores, a partir da década de 60 passam também a ser oferecidos pelos patrões. Desde então, os trabalhadores, após a vindima, recebem a semana de trabalho e rumam às suas casas para regressarem ao almoço em traje de festa. Chegam trazendo doces, ajudam as cozinheiras e dispõem as mesas.

Desses momentos Marina Roque lembrará: *“Havia sempre peixe para assar, uns carapaus, umas sardi-*

nhas, mandava-se matar um porco, havia sempre uma cozinheira para fazer o almoço. Estendia-se uma mesa por aí a fora, havia sempre uma mesa reservada para os patrões e para os feitores (...). O Sr. Álvaro Cardoso dava comida à fartura que nunca quis que nos faltasse nada nunca (...). Os doces nós levávamos, tínhamos sempre aquela grande vaidade de mandar fazer um bolo para por na mesa do Sr. Álvaro Cardoso e toda a gente comia.”

Terminado o almoço o tempo é de Baile. João Carreira, com o seu acordeão, faz a animação e toda a gente dança, até ao final do dia. Levado às adiafas pelo seu pai, João Carreira recorda: *“Quando o meu pai estava cansado, tocava eu um bocadinho, quando me cansava eu, tocava ele outra vez (...).”*

Para Marina Roque *“O baile era uma alegria (...). E ali pulava novo, ali pulava velho, ali pulava quem podia. Ali era desde que ele comesse a tocar (...) nem tinha tempo de tomar fôlego que elas não o deixavam”*.

1.4 A Adiafa das Adegas

Na Quinta do Piloto acontecia também a Adiafa das Adegas. Nos finais de Outubro, depois da uva estar moída, cozida e tirada, todos os responsáveis pela vinificação sentam-se à mesa e partilham a alegria do culminar de mais um ano. Enfeita-se a adega com as bandeiras de Adiafa das vindimas consideradas mais bonitas e serve-se a caldeirada. Come-se, bebe-se e fazem-se discursos.

Cerca de 50 homens entre trabalhadores, patrões e amigos, sentam-se à mesa numa longa tarde de convívio.

Segundo António Banha, adegueiro, *“quase todos os anos era caldeirada. Eu ia a Setúbal comprava 20 a 30 quilos de caldeirada já feita, arranjava-se um cozinheiro, comprava o pão (...) às vezes era carne assada (...), marisco (...) várias coisas. Mas quase todos os anos era caldeirada (...) Vinho era cá da casa (...) vinho doce (...) tudo de cá. Comia-se e bebia-se, um dizia uma anedota, outro uma história. Uma mesa estendia-se para 50 ou 60 pessoas.”*

A adiafa dura todo o dia. O final da tarde não corresponde só ao culminar de mais uma adiafa, mas também ao encerramento de um ano inteiro de trabalhos na vinha.

Volta-se para casa, para regressar em breve... pois não só as adegas aguardam a preparação do novo vinho, como as vinhas esperam já o início das podas.

2. Bandeiras de Adiafa: Memória(s) do Passado

Hoje, o último dia de vindimas não vê as festas de outrora; já não são feitas bandeiras, nem os montes ouvem o som do acordeão ou o estalar dos morteiros a anunciar o fim das colheitas.

Os tempos mudam e o sentir e a vontade dos homens também, mas a alegria da colheita do fruto, após um ano de trabalho na vinha, essa não pode ser extinta. Isto porque, a cada ano, as videiras frutificam, moldadas pela terra e pela mão das gentes que as cuidam e esperam ver sãs.

Gentes que saberão imprimir ao seu trabalho, não só velhas rotinas, mas também novas acções e novos sonhos.

As bandeiras de Adiafa, sobrevivendo ao tempo e aos homens, constituem uma herança que guardada e mantida conta a História da empresa Carpal, da cultura vitivinícola regional e das gentes que dela fizeram parte. São testemunho, memória de um tempo que, apesar de passado, está vivo no corpo destas bandeiras e no coração de todos os que partilharam estes dias de Festa.

3. O Núcleo Museológico da Vinha e do Vinho e o Património Vitivinícola Local e Regional

O Núcleo Museológico da Vinha e do Vinho promove o conhecimento, a valorização e a salvaguarda do Património Vitivinícola Regional e Local, pelo que quer ser, em relação estreita com a comunidade, um espaço de descoberta, de encontro e de diálogo.

Queremos ser parceiros de todos quanto tratem esta temática, de forma a ampliar e dar significado e pertinência ao trabalho que desenvolvemos.

Neste sentido é nossa vontade ter presença assídua e participativa em todos os momentos e eventos onde o Vinho e a Vinha sejam tratados, tais como as Festas das Vindimas, em Palmela; a Mostra de Vinhos de Fernando Pó; ou o Festival do Queijo, Pão e Vinho, em Quinta do Anjo/Cabanas.

Com este objectivo, encontramos-nos a conceber a exposição *A Rota de Vinhos da Península de Setúbal: pela mão da História e da Memória*, a inaugurar durante as Festas das Vindimas 2008, que tratará a história das adegas pertencentes à Rota, bem como o Centenário da Denominação de Origem da Região do Moscatel de Setúbal e o Cinquentenário da Cooperativa Agrícola de Santo Isidro de Pegões.

Para o desenvolvimento deste trabalho, gostaríamos de contar com todos quantos possam colaborar, partilhando memórias, conhecimentos e objectos com os quais possamos escrever a Histórias da Vinha e do Vinho da região.

Mais uma vez, contamos consigo/convosco!

Fontes Orais:

- Álvaro Cardoso, proprietário da Empresa Carpal, entrevista a Museu Municipal/Cristina Prata, Maio de 2007
- António Banha, Adegaueiro, entrevista a Museu Municipal/Cristina Prata, Maio de 2007
- Elvira Roque, Trabalhadora Rural, entrevista a Museu Municipal/Cristina Prata, Abril de 2007
- Marina Roque, Trabalhadora Rural, entrevista a Museu Municipal/Cristina Prata, Abril de 2007
- Humberto Rosa Cardoso, proprietário da Empresa Carpal, entrevista a Museu Municipal/Cristina Prata, Junho de 2007
- João Carreira, Acordeonista, entrevista a Museu Municipal/Cristina Prata, Junho de 2007
- Zulmira Vieira, Trabalhadora Rural, entrevista a Museu Municipal/Cristina Prata, Abril de 2007

Cristina Prata
Técnica Superior de História

Sites a consultar

Dedicamos esta rubrica a alguns sites dedicados ao Património Vitivinícola e ao Museu do Ferro e da Região de Moncorvo, cujo responsável – Nelson Campos – teve a amabilidade de nos enviar documentação de inventário de grande préstimo, na sequência da publicação do artigo *Ferreiro Faria – entre Ferro e Fogo*. (1ª parte).

A Vinha e o Vinho – Património Cultural

<http://avinhaeovinhopatrimoniocultural.blogspot.com>

Associação Nacional dos Municípios do Vinho

<http://www.ampv.pt>

Museu do Ferro e da Região de Moncorvo

<http://www.cm-moncorvo.pt>

CADA NÚMERO, UM JOGO

Pedimos ao *Ferreiro Faria* para nos ajudar a construir peças para um jogo.

É comum, ainda, vermos grupos animados a jogar a *malha*. Normalmente são grupos de adultos que desde tenra idade se dedicam a este passatempo. Para que este seja um jogo que perdure no tempo, aqui deixamos uma sugestão:

Hoje vamos jogar à *Malha*¹

Objectivo: derrubar o pino, meco ou paulito.

Terreno do jogo: recinto plano e sem obstáculos.

Material: 4 malhas planas (ferro, pedra ou madeira) + 2 mecos/pinos/paulitos

Descrição: Num terreno plano colocar dois pinos, mecos ou paulitos – vários termos utilizados – com uma altura variável entre 15 cm e 25 cm, a uma distância que pode variar entre os 10 m e os 15 m. Por detrás de cada pino, coloca-se um elemento de cada equipa.

A pontuação é a seguinte:

1. Jogo por equipas
 - Pino derrubado = 6 pontos
 - Malha mais próxima do pino = 3 pontos
2. Jogo Individual
 - Pino derrubado = 4 pontos
 - Malha mais próxima do pino = 2 pontos



Como Jogar?

Os jogadores tentam alternadamente, derrubar ou aproximar a *malha* o mais possível do pino. O jogo não tem limite de tempo e termina quando todos os jogadores tiverem feito 2 lançamento ou atinjam 24 ou 30 pontos.

Curiosidade: é comum chamar-se *malha* ao objecto (pedras, malhas de ferro,...) utilizado para alguns jogos infanto-juvenis (Ex.: jogo da macaca, chinquillo)

¹ Informação baseada na seguinte bibliografia:

CABRAL, António - *Jogos populares portugueses de jovens e adultos*, 3ª ed., Notícias Editorial, 1998

NETO, Luís; COSTA, Salvador. *Jogos Tradicionais Portugueses – fichas de apoio*, Caixa de Materiais para Jogos Tradicionais, concebida no âmbito do programa LEADER II, para APRODER – Associação para a Promoção do Desenvolvimento Rural do Ribatejo, 2000

Edições em destaque

...ler, reler, descobrir !



Palmela Histórico-Artística. Um inventário do património artístico concelhio

Autores: Vitor Serrão e José Meco

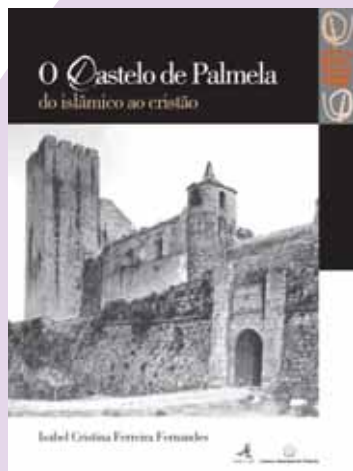
Co-edição: Edições Colibri/Câmara Municipal de Palmela, 2007 (507 pp)

PVP: 25 €

Com excepção do conjunto formado pela Igreja e Convento de Santiago e pelo Castelo medievo e seu perímetro amuralhado, o Património do actual concelho de Palmela é ainda muito desconhecido de visitantes e estudiosos. O projecto de inventário que se cumpre nesta publicação, com levantamento e análise o mais possível sistemática das existências patrimoniais nas cinco freguesias do concelho – Palmela, Pinhal Novo, Poceirão, São Pedro da Marateca e Quinta do Anjo – vem atestar a importância de um acervo artístico que é por demais relevante, não só o que foi produzido à sombra da poderosa Ordem militar de Santiago, mas também uma série de igrejas, capelas, solares, quintas, conjuntos arquitectónicos urbanos e rurais, com seus recheios atestando uma diversidade de peças de escultura, de azulejaria, de pintura, de talha, de mobiliário e de outras artes que testemunham a constante e qualificada encomenda artística que foi produzida nesses espaços ao longo da Idade Média e da Idade Moderna e que tem continuidade no nosso tempo.

Fruto de uma pesquisa estruturada com incidência nos levantamentos de campo e na investigação de arquivos e outras fontes, dá-se agora a conhecer um património histórico-artístico assaz valioso, e que inclui algumas peças e conjuntos de qualidade excepcional, o que confere ao concelho de Palmela significado social e assume papel de destaque nas rotas turístico-culturais do nosso país.

E a reler, da mesma série, e editado em 2004:



O Castelo de Palmela – do islâmico ao cristão

Autora: Isabel Cristina Ferreira Fernandes

Co-edição: Edições Colibri/Câmara Municipal de Palmela, 2004 (452 pp)

PVP: 25 €

Do período omíada nos séculos VIII-IX até ao século XII – quando a Ordem de Santiago de Espada ocupa a fortificação -, o denso «palimpsesto» que constitui o Castelo de Palmela é apresentado nesta obra sob as perspectivas da Arqueologia e da História de Arte. Resultado de seis campanhas arqueológicas (1992-1999) e cerca de 10 anos de investigação sobre um vasto acervo de materiais exumados e estudo de outra documentação, do período medieval aos nossos dias, este livro mostra que Palmela tem um lugar tão importante na Arqueologia Medieval portuguesa como Mértola, Silves e outros castelos do Algarve Oriental. São apresentados setecentos anos de vida do monumento, não omitindo as transformações pelas quais passou da Idade Moderna ao século XX.



O Município de Palmela está a publicar um conjunto de 5 percursos destinados a promover a descoberta das ruas, escadinhas, becos, toponímia, monumentos e paisagem que se podem apreciar caminhando na vila de Palmela.

Podem ser requisitados pelos contactos:

Telf.: 21 233 6900 ou e-mail: catavento@cm-palmela.pt

Índice

- 1 Editorial
- 2 Em destaque... Palmela Arqueológica – espaços, vivências, poderes
- 3 Património Local... Ferreiro Faria entre ferro e fogo (2ª parte)
- 9 Nos Bastidores... Museu de Mão em Mão
- 10 Em investigação... A Arte da Desproporção
- 11 Património Concelhio em documentos ... Bandeiras de Adiafa
- 14 Sites a consultar | Cada número, um jogo
- 15 Edições em destaque

Contactos:

Divisão de Património Cultural - Museu Municipal
Departamento de Cultura e Desporto
da Câmara Municipal de Palmela
Largo do Município
2951-505 PALMELA

Tel.: 212 338 180

Fax: 212 338 189

E-mail: patrimonio.cultural@cm-palmela.pt

Ficha Técnica

Edição: Câmara Municipal de Palmela

Coordenação Editorial: Chefia da Divisão de Património Cultural/Museu Municipal

Colaboram neste número: Andreia Martins, Cristina Prata, Isabel Cristina F. Fernandes,

Lúcio Rabão, Maria Teresa Rosendo, Michelle Santos, Sandra Abreu Silva, Teresa Sampaio

Design: Paulo Curto

Fotografia: Rui Minderico (fivela islâmica), Manuel Giraldes da Silva (1898-1974), Museu Municipal de Palmela

Impressão: Armazém de Papéis do Sado, Lda

Código de Edição: 347/08 - 3 000 exemplares

ISBN: 927-8497-27-X

Depósito Legal:196394/03